

Indústrias no ensino

por Claudia Izique
de São Paulo

A falta de mão-de-obra e de recursos para a educação criou condições para uma associação entre indústrias privadas, prefeituras e a Secretaria de Educação do Estado de São Paulo na cidade de Guarulhos.

Empresas como a Cummins do Brasil S.A., Degussa S.A. e a Açoplast Indústria e Comércio Ltda. já investiram na recuperação de nove escolas estaduais e municipais de primeiro e segundo graus, resultando numa economia de US\$ 250 mil para o orçamento da Secretaria da Educação, nos cálculos de Iraci Morcelli Perine, diretora da Divisão Regional de Ensino 4 Norte, que abrange Guarulhos.

A partir de setembro, empresas como a Confecções Zopa Ltda. cederão equipamentos para o fun-

cionamento de um Centro de Treinamento de Mão-de-Obra da Prefeitura.

"O nível da escola pública é tão ruim que já afeta a produção", diz a diretora regional de ensino. As empresas esperam que esses investimentos tragam resultados a médio prazo.

A reforma da Escola Estadual João Ribeiro de Barros custou à Cummins do Brasil, fabricante de motores diesel e componentes, US\$ 50 mil.

A empresa, de capital norte-americano, ainda investiu outros US\$ 120 mil na construção de um ginásio de esportes para funcionários conjugado a uma escola de primeiro grau que funciona sob a administração do estado num contrato de cessão por dois anos, renovável. Os recursos para a reforma e construção das duas escolas saíram de seu departamento de recursos humanos, informou Eliza-

beth Rigamonte, assessora de RH.

A Degussa, transformadora de metais, de capital alemão, colaborou com a reforma da Escola Estadual de Primeiro Grau Rotary, próxima de suas instalações, e ajuda na sua manutenção.

Neste mês, a Asea-Brown-Boveri, de Guarulhos, uma empresa fabricante de equipamentos eletromecânicos, de capital sueco e suíço, vai investir cerca de US\$ 26 mil na reforma da Escola Estadual Francisco Nunes Ceccato, diz Armando de Fanti, gerente de compras da empresa. "Já deveríamos ter começado, mas o Plano Collor atrasou o projeto", explica.

As empresas que participam deste programa não entram com dinheiro. A prefeitura faz um levantamento das necessidades de material para a reforma e um orçamento que é apre-

sentado às patrocinadoras. As empresas, então, compram o material para cedê-lo às escolas. As obras são realizadas pelos pais de alunos, em regime de mutirão, até para garantir a preservação das instalações, diz a diretora regional de ensino. As empresas não gozam de qualquer benefício fiscal neste programa, que tem o nome de Escola de Cara Nova. Ele está ligado à Coordenadoria de Integração Escola Indústria (CIEI) da Secretaria Municipal de Indústria e Comércio da Prefeitura de Guarulhos.

A diretora regional de ensino considera que a participação das empresas privadas economizou recursos do estado e, portanto, permite maiores investimentos nas atividades fins.

(Continua na página 6)

O ministro da Educação, Carlos Chiarelli, iniciou na última sexta-feira contatos com lideranças empresariais e sindicais em torno do Programa Nacional de Alfabetização, que será lançado no dia 8 de setembro. A Federação das Indústrias do Estado de São Paulo (FIESP) define a sua participação no próximo dia 23, segundo Chiarelli.